



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
TOCANTINS, CAMPUS PALMAS
CURSO SUPERIOR LETRAS- HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

DANIELA SILVA DE ABREU

**OS MORROS DAS CIDADES TURÍSTICAS DO TOCANTINS: UM ESTUDO
TOPONÍMICO**

**PALMAS
2023**

DANIELA SILVA DE ABREU

**OS MORROS DAS CIDADES TURÍSTICAS DO TOCANTINS: UM ESTUDO
TOPONÍMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
graduação em Letras- Habilitação em
Língua Portuguesa da Unidade de Palmas
do Instituto Federal do Tocantins, como
exigência à obtenção do título de
Licenciada, em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lourdes
Cardoso Dias

PALMAS
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins

A162m Abreu, Daniela Silva de
Os morros das cidades Turísticas do Tocantins : Um estudo
toponímico / Daniela Silva de Abreu. – Palmas, TO, 2023.
59 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras -
Habilitação em Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO,
2023.

Orientador: Dr. Ana Lourdes Cardoso Dias

1. Toponímia. 2. Morros Tocantinenses. 3. Motivação
Toponímica. I. Dias, Ana Lourdes Cardoso. II. Título.

CDD 400

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada para fins
de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a).

DANIELA SILVA DE ABREU

**OS MORROS DAS CIDADES TURÍSTICAS DO TOCANTINS: UM ESTUDO
TOPONÍMICO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
graduação em Letras- Habilitação em
Língua Portuguesa da Unidade de Palmas
do Instituto Federal do Tocantins, como
exigência à obtenção do título de
Licenciada, em Letras.

Aprovado em: 05/12/2023

BANCA EXAMINADORA



Profa. Doutora Ana Lourdes Cardoso Dias (Orientadora)
IFTO- CAMPUS PALMAS



Profa. Me. Elaine Cristina Rodrigues Aguiar (Membro da banca)
IFTO- CAMPUS PALMAS



Prof. Me. Ricardo Nei de Araújo (Membro da banca)
IFTO- CAMPUS PALMAS

Dedico este trabalho a Marcos Amaral, por
todo o apoio e incentivo nessa minha
jornada.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida e por guiar o meu caminho.

À professora Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias, pela dedicação como orientadora desta pesquisa e por ter me apresentado esse tema na disciplina de Semântica

Aos amigos Elieci, Osvaldo e Lariane, que a faculdade me presenteou. Com certeza, fizeram uma enorme diferença ao longo desses quatro anos e essas amizades eu lavarei para a vida toda. Agradeço pelos conselhos e por sempre estarem ao meu lado.

A todos os professores do curso de Licenciatura em Letras do IFTO, *campus* Palmas por todos os ensinamentos durante este percurso.

À minha família, pelo apoio incondicional.

A efetiva capacidade do ser humano para a linguagem permite-lhe traduzir em forma de palavras, os mais variados aspectos de sua cultura.

Maria de P. Amaral Dick

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo sobre as motivações linguísticas e extralinguísticas que levaram a nomear os morros das cidades turísticas do Tocantins, sendo eles: Morro da Catedral, Morro do Chapéu, Morro da Cruz, Morro do Leão, Morro do Limpão, Morro Saca-Trapô, Morro do Segredo, Morro da Tartaruga e Morro Vermelho. A pesquisa tem como objetivo investigar os fatores que motivaram a nomeação dos morros tocantinenses, buscando compreender a relação entre língua, sociedade e cultura, por isso, esse tema foi o primeiro ponto abordado na formulação do referencial teórico. A seguir, abordou-se o Léxico, até chegar nos fundamentos teórico-metodológicos da Onomástica, disciplina que trata do estudo sobre os nomes próprios, que se divide em duas áreas, sendo uma delas a Toponímia, que se encarrega de compreender os nomes de lugares. A pesquisa tem caráter qualitativo, e toma dados escritos, como pesquisa bibliográfica e documental para a produção de fichas lexicográfico-toponímicas adaptadas de Dick (1992). Para a concretização deste trabalho, foram utilizados os pressupostos teóricos e metodológicos desenvolvidos de Dick (1990) e (1992); Dias (2016); Isquierdo (1997), (2012) e (2020); Sólis (2018), Ananias e Zamariano (2014). Para o estudo da etimologia dos topônimos foi utilizado o dicionário etimológico de Língua Portuguesa de Nascente (1955). A coleta de dados ocorreu por meio de pesquisa documental, como teses, artigos científicos, bem como a percepção pessoal. Posteriormente os dados foram organizados em fichas lexicográficas-toponímicas. A partir dos resultados obtidos, foi possível constatar que fatores socioculturais, religiosos e físico-ambientais influenciaram nas nomeações dos morros.

Palavras-chave: Onomástica; Toponímia; Léxico; Cultura; Morros Tocantinenses

ABSTRACT

This work consists of a study on the linguistic and extralinguistic motivations that led to naming the hills of the tourist cities in Tocantins, namely: Morro da Catedral, Morro do Chapéu, Morro da Cruz, Morro do Leão, Morro do Limpão, Morro Saca- Trapo, Morro do Segredo, Morro da Tartaruga and Morro Vermelho. The research aims to investigate the factors that motivated the naming of the Tocantins hills, seeking to understand the relationship between language, society and culture, which is why this topic was the first point addressed in the formulation of the theoretical framework. Next, the Lexicon was approached, until arriving at the theoretical-methodological foundations of Onomastics, a discipline that deals with the study of proper names, which is divided into two areas, one of which is Toponymy, which is responsible for understanding the names of places. The research is qualitative in nature, and uses written data, such as bibliographic and documentary research to produce lexicographic-toponymic records adapted from Dick (1992). To carry out this work, the theoretical and methodological assumptions developed by Dick (1990) and (1992) were used; Dias (2016); Isquerdo (1997), (2012) and (2020); Sólis (2018), Ananias and Zamariano (2014). To study the etymology of toponyms, the Nascente Portuguese Language Etymological Dictionary (1955) was used. Data collection occurred through documentary research, such as theses, scientific articles, as well as personal perception, later the data was organized into lexicographic-toponymic files. From the results obtained, it was possible to verify that sociocultural, religious and physical-environmental factors influenced the naming of the hills.

Keywords: Onomastics; Toponymy; Lexicon; Culture; Tocantinense Hills.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	– Morro da Catedral.....	40
Imagem 2	– Moro do Chapéu.....	42
Imagem 3	– Morro da Cruz.....	43
Imagem 4	– Morro do Leão.....	45
Imagem 5	– Morro do Limpão.....	46
Imagem 6	– Morro Saca-Trapó.....	48
Imagem 7	– Morro do Segredo.....	49
Imagem 8	– Morro da Tartaruga.....	51
Imagem 9	– Morro Vermelho.....	52

LISTA DE QUADOS

Quadro 1	– Taxionomia de Natureza Física	26
Quadro 2	– Taxionomia de Natureza Antropocultural	27
Quadro 3	– Ficha Lexicográfica-Toponímica adaptada de Dick (1990)	39
Quadro 4	– Classificação do topônimo Catedral	40
Quadro 5	– Classificação do topônimo Chapéu	41
Quadro 6	– Classificação do topônimo Cruz	43
Quadro 7	– Classificação do topônimo Leão	44
Quadro 8	– Classificação do topônimo Limpão	46
Quadro 9	– Classificação do topônimo Saca-Trapo	47
Quadro 10	– Classificação do topônimo Segredo	49
Quadro 11	– Classificação do topônimo Tartaruga	50
Quadro 12	– Classificação do topônimo Vermelho	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	18
1.1. LÍNGUA, SOCIEDADE E CULTURA.....	18
1.2. ESTUDO DO LÉXICO.....	20
1.3. A ONOMÁSTICA.....	23
1.4. A TOPONÍMIA.....	24
1.5. CLASSIFICAÇÕES TAXONÔMICAS.....	26
CAPÍTULO 2- O ESTADO DO TOCANTINS.....	30
2.1 AS CIDADES TURÍSTICAS DO ESTADO DO TOCANTINS.....	33
2.1.1. Lajeado.....	33
2.1.2. Mateiros.....	34
2.1.3. Palmas.....	34
2.1.4. Ponte Alta do Tocantins.....	35
2.1.5. São Félix do Tocantins.....	36
CAPÍTULO 3-METODOLOGIA.....	37
CAPÍTULO 4- ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	40
CAPÍTULO 5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS.....	55
ANEXO.....	59

INTRODUÇÃO

Conhecer a origem dos nomes de lugares contribui para um estudo linguístico e extralinguístico, pois nos permite conhecer a história e a cultura local, tendo em vista que o ato de nomear retrata intenções, e percebemos a interação entre a palavra e a realidade. De acordo com Dick (1990), a nomeação de lugares configura um imenso complexo línguo-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente.

Nesse sentido, o presente trabalho consistiu na realização de um estudo sobre a toponímia dos morros das cidades turísticas tocantinenses pertencentes à Região Turística Encantos do Jalapão e Região Turística Serras e Lagos, conforme dispõe o Mapa do Turismo Brasileiro (Brasil, 2019). Os morros estudados foram: Morro da Catedral, Morro do Chapéu, Morro da Cruz, Morro do Leão, Morro do Limpão, Morro Saca-Trapô, Morro do Segredo, Morro da Tartaruga e Morro Vermelho. A pesquisa foi formulada em torno das seguintes perguntas: quais fatores motivaram as escolhas dos topônimos dos morros das cidades turísticas do Tocantins? Os elementos da natureza estão presentes na motivação dos topônimos? Qual relação entre língua e cultura podemos extrair dos topônimos dos morros tocantinenses?

Assim, como objetivo geral da pesquisa, pretendemos investigar os fatores motivacionais dos nomes dos morros das cidades turísticas do Tocantins, buscando compreender as relações entre língua, cultura e sociedade marcadas no léxico toponímico em estudo, e ainda promover o reconhecimento e a valorização de aspectos culturais da região. Para isso, assinalamos como objetivos específicos: investigar a origem e motivação dos nomes dos morros tocantinenses; levantar dados acerca da história das cidades onde os morros se situam e relacioná-la com os topônimos dos morros; interpretar os topônimos, levando em consideração os aspectos culturais, religiosos e a natureza da região e categorizar os dados em fichas lexicográficas.

A proposta desta pesquisa surgiu no segundo semestre de 2022, quando cursava a disciplina de Semântica, ministrada pela professora orientadora, Dra. Ana Lourdes Cardoso Dias. Na ocasião, desenvolvi um artigo sobre os referidos morros

tocantinenses, motivado pela prática esportiva em alguns dos morros estudados, como o Morro do Segredo, Morro do Leão, Morro da Tartaruga, Morro do Limpão e Morro do Chapéu. Ao pesquisar sobre a origem e o significado dos nomes desses morros, percebi a carência de estudos sobre o tema, uma vez que as informações encontradas eram de sites de empresas de outros estados que exploram o turismo na região. Essas informações encontradas, além de escassas, ainda eram divergentes. Esses foram os primeiros motivos que justificaram a realização do presente trabalho. Ademais, ao pesquisar sobre o tema, foi perceptível a ausência de pesquisas que abordassem a Toponímia dos morros tocaninenses. Assim, além da motivação pessoal, a pesquisa se justificou pela relevância para a contribuição do acervo teórico-científico na área.

O presente trabalho está dividido em cinco capítulos, sendo que o primeiro aborda a fundamentação teórica. Este capítulo está organizado em cinco itens: o primeiro aborda o tema Língua, sociedade e cultura, seguido do estudo sobre o léxico, estudo da Onomástica, Toponímia e finalizando com a abordagem sobre as classificações taxonômicas. O segundo capítulo refere-se ao contexto histórico de cada município onde os morros estão situados. No terceiro capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos para a elaboração da pesquisa. No quarto capítulo é apresentado a análise e discussão dos dados e, por fim, no quinto capítulo apresenta-se as considerações finais.

CAPÍTULO 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo propõe os fundamentos teóricos que tecem elos com os objetivos do trabalho. Tendo em vista que o estudo se baseia em uma análise toponímia, primeiramente será apresentado uma reflexão acerca da relação entre língua, sociedade e cultura. A seguir, será abordado o léxico, os conceitos da Onomástica e, por fim, serão discutidos os conceitos da Toponímia.

1.1 LÍNGUA, SOCIEDADE E CULTURA

No decorrer do tempo, o homem desenvolveu a linguagem em suas diversas formas, tais como a fala, a escrita, os gestos, sinais sonoros, gráficos e visuais, para se comunicar com seu semelhante e, dessa forma, aprimorou-se a interação e o relacionamento social entre os membros de uma comunidade linguística. Nesse contexto, Zamariano (2012) afirma que compreender uma sociedade implica estudar a sua língua, pois é por meio dela que o homem e seu grupo exteriorizam a forma como percebem o mundo ao redor, evidenciando traços de sua cultura.

Nessa perspectiva, ao estudar a língua é imprescindível estudar também a sociedade que a utiliza para expressar sua forma de ver o mundo, daí nota-se a estreita relação entre a língua, sociedade e cultura. Diante disso, percebe-se que a ligação entre esses três conceitos é indissociável, pois a sociedade se constitui por meio da língua e cultura.

Dessa maneira, Ananias e Zamariano (2014), defende que cada geração guarda de sua cidade a memória de fatos ou acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história. As autoras destacam que a história enriquece as representações possíveis da memória, fornece símbolos e conceitos para que a sociedade pense sobre si mesma e sobre sua relação com o passado e fertiliza a memória, reativando as lembranças.

Nesse sentido, o linguista suíço Ferdinand Saussure (2006 [1916]), considerado o pai da Linguística Moderna, defende que a língua é a parte social da linguagem e ela existe por meio da interação entre membros de uma comunidade e,

por meio dessa interação, cada indivíduo mantém e atualiza um “banco de dados” em seu sistema linguístico. O autor destaca que se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente nos cérebros de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e sim em um grupo de indivíduos ela existe de modo completo.

Dessa maneira, Saussure (2006 [1916]) entende, pois, que a língua não é uma prática individual, ela se constitui através do compartilhamento dos signos linguísticos armazenados em cada indivíduo, formando uma comunidade linguística. A língua é muito mais do que um meio de comunicação, é um reflexo profundo da sociedade que a utiliza. Ela revela não apenas palavras e frases, mas também nuances complexas do contexto social em que é empregada. No aspecto social, a língua desempenha um papel crucial na construção e manutenção da identidade cultural de uma comunidade, pois cada língua carrega consigo a história, os valores e as tradições de um grupo específico de pessoas. A respeito disso, vale destacar:

Desde seu aparecimento, a linguagem foi tão incompleta quanto o pensamento humano que ela representa. Por isso, a linguagem deve ser considerada uma mediadora entre o homem e os fenômenos do mundo que, por sua vez, não necessitam ser reais para se transformarem em objetos de atenção desse homem. (Zamariano, 2012, p. 62)

Dessa maneira, cada indivíduo possui a faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social que permite o exercício dessa faculdade. Para Saussure (2006 [1916]), p. 17), “a língua é uma parte essencial e também um produto social da linguagem”. Essa ideia é confirmada por Alckmin (2005), que afirma que a linguagem e a sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável e que essa relação é a base da constituição do ser humano

No que concerne à cultura, a língua reflete os costumes de um povo, pois, como visto, há uma estreita relação entre língua, sociedade e cultura, e sabendo que a sociedade se modifica no decorrer dos tempos, incorporando novas formas de entender o mundo, isso reflete diretamente na língua, pois ela acompanha as mudanças socioculturais, adaptando-se a realidade de determinado contexto cultural e social. Na visão de Duranti (2000), adquirir uma língua significa fazer parte de uma

comunidade de pessoas que participam de atividades comuns através do uso, embora nunca completo, de uma grande variedade de recursos comunicativos compartilhados. Nesse sentido, adquirir uma língua significa fazer parte de uma tradição, compartilhar uma história e, portanto, ter acesso a uma memória coletiva, cheia de histórias, alusões, opiniões, receitas e outras coisas que nos tornam humanos.

Em conformidade com Seabra (2004), a linguagem como prática compartilhada, pública e comunitária é um tema que se destaca, principalmente quando se pensa na cultura como um texto, como modo de ordenar os dados sensoriais da experiência através de conceitos e significados. Zamariano (2012) ressalta que a linguagem deve ser considerada uma mediadora entre o homem e os fenômenos do mundo que, por sua vez, não necessitam ser reais para se transformarem em objetos de atenção desse homem.

A partir do exposto, podemos dizer que, em se tratando dos nomes dados a lugares e, no caso específico, aos nomes dados aos morros das cidades turísticas do Tocantins, entendemos que as escolhas desses nomes refletem as características do grupo social que vive na região, reproduzindo aspectos da sua realidade cultural e social, pois a língua faz parte da cultura de um povo.

1.2 ESTUDO DO LÉXICO

O homem é um ser dotado de cognição, com a capacidade de expressar suas percepções através da fala. Através da interação com o ambiente e com outros membros de sua comunidade, surge a necessidade de nomear coisas ao seu redor, como uma maneira de tornar o mundo compreensível aos seus olhos. A esse respeito, Biderman (1998) defende que a linguagem revela um universo significativo, que se dá por meio da nomeação e identificação das entidades da realidade por meio da palavra. A autora sustenta que a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras. Ela enfatiza que o homem converte a sua percepção de mundo em conceitos e significados e isso ocorre devido a sua capacidade cognitiva, capaz de organizar e armazenar os dados em categorias linguísticas que expressam um sistema classificatório.

Nesse contexto, Oliveira e Isquerdo (2001) também defendem que o léxico representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua, é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Alinhado a isso, conforme o sistema cognitivo humano foi se aperfeiçoando, Biderman (1987) destaca que o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos que simbolizam os referentes. Em conformidade com essa ideia, nota-se que, quando algo desperta o interesse do homem recebe um nome para ser partilhado entre os demais membros de uma comunidade, e quando algo não tem nome, entra em um grupo chamado de *inominável*, que em sentido figurado significa algo desprezível, indigno de ter um nome.

Conforme pontua Ananias e Zamariano (2014), o ser humano verbaliza seus sentimentos por meio da palavra, fenômeno linguístico que tem fascinado os estudiosos ao longo da história. Consoantes as ideias das autoras, em todas as civilizações, a palavra tem sido motivo de surpresa e de mistério; sempre esteve revestida de poder e de superstição. O interesse em investigar a relação entre a palavra e aquilo que nomeia não é algo recente, pois, em conformidade com as autoras, os mitos mais antigos já apontavam o poder criador das palavras, uma vez que, por meio delas, o homem conhece, transmite o conhecimento do mundo que o cerca, nomeia e identifica as entidades da sua realidade.

A esse respeito, Biderman (1987) defende que esse processo de nomeação gerou o léxico das línguas naturais, e nesse processo o homem foi estruturando o mundo que o cerca, classificando essas entidades discriminadas. Nessa linha de raciocínio, Sapir (1969) observa que o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes, e Paim (2020) reforça que o estudo do léxico permite a observação da leitura que uma comunidade realiza de seu contexto e da preservação de parte de sua memória sócio histórica e linguístico-cultural, além de possibilitar a catalogação da variação lexical.

O léxico de uma língua natural pode ser considerado como o patrimônio vocabular de determinada comunidade linguística, adquirido ao longo de sua história. Assim, conforme Biderman (2001, p. 14), “esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de

modelos categoriais para gerar novas palavras”. Ainda de acordo com a autora, no processo individual de cognição da realidade, o indivíduo integra o vocabulário nomeador das realidades juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical.

Posto isso, Biderman (1998), destacou que o léxico de uma língua é fruto da interação entre comunidade e ambiente, e, por isso, pode ser identificado como algo de valor inestimável, no que se refere a contribuição vocabular de uma dada comunidade linguística que tem uma história. Infere-se que as palavras não são criadas de forma aleatória, ocorre uma classificação baseada na interação do ser pensante com o ambiente, isso lhe permite rotular as coisas e torná-las pertencentes ao seu mundo.

A nomeação resulta do processo de categorização. A respeito disso, Biderman (1998), entende por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. Ainda conforme a autora, a categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo

Nesse sentido, Gonçalves e Ximenes (2020) entende que há uma estreita relação entre a forma de nomeação dos lugares com a formação da identidade dos grupos que os nomeiam, uma vez que hábitos e costumes dos grupos humanos fazem parte do conjunto de coisas que definem os sujeitos, de como se veem, de como são representados e de como representam.

De acordo com Ananias e Zamariano (2014), a percepção da realidade despertou no homem primitivo a necessidade de nomear o mundo ao seu redor e as suas sensações, recorrendo para isso à criação das palavras. Com o passar do tempo, o homem criou um vocabulário que atendesse às suas necessidades momentâneas. Com o léxico à sua disposição para expressar-se, surge o interesse em entender a relação entre o que foi nomeado com a sua motivação.

Finalizada a explanação sobre o léxico, no item a seguir o estudo será direcionado à compreensão do conceito da Onomástica, campo da Linguística responsável pelo estudo dos nomes próprios.

1.3 A ONOMÁSTICA

Conforme abordado no capítulo anterior, os membros de uma comunidade, tendo o léxico à sua disposição, utilizam desse acervo para nomear seres e coisas, refletindo uma interação com o mundo que o cerca e com os seus semelhantes. Os nomes escolhidos podem nos dar pistas da história, cultura e visão de mundo de determinada comunidade, pois, conforme Isquerdo (1997), ao dominar a língua e utilizá-la para nomear, o homem descreve o mundo conforme seu olhar. Nesse sentido, fatores de ordem sociocultural influenciam a vida do homem inserido em seu ambiente que, para viver e conviver nele, necessita nomeá-lo.

Nessa perspectiva, o ato de nomear é complexo, é algo além de uma escolha aleatória, por isso há uma ciência que estuda os sistemas de nomeação, chamada de Onomástica, definida por DUBOIS et al. (2014, p. 412) como "ramo da lexicologia que estuda a origem dos nomes próprios". Esse estudo divide-se em Antroponímia, que diz respeito aos nomes próprios de pessoas, e Toponímia, que diz respeito aos nomes de lugar.

Isquerdo (2012) destaca que o processo de dar nome aos lugares é algo de fundamental importância no estudo de uma língua e por esse motivo, acabou por tornar-se objeto de estudo de um dos ramos da Onomástica, disciplina de caráter abrangente que se ocupa da investigação da etimologia, das transformações, da explicação e da catalogação dos nomes próprios de pessoas e de lugares. A autora explica que essa área de investigação se bifurca em dois ramos: quando se refere ao estudo dos nomes próprios de pessoas é denominada de Antroponímia e quando seu objeto de estudo está centralizado no exame da origem e do significado dos nomes de lugares, recebe o nome de Toponímia.

O tema também foi estudado por Sólis (2018), que destaca que a Onomástica se refere a nomes, que por sua vez são realidades assimiladas pela atividade da cognição humana. O autor continua enfatizando que os nomes refletem a realidade extralinguística ou a seus elementos que são entidades da natureza ou da cultura.

Para uma das maiores estudiosas desse ramo, Dick (1998), o ato de nomear onomasticamente é diferente da criação da palavra enquanto elemento do léxico e

enunciado da língua. A autora explica que, para se tornar nome, a palavra passa por um processo de escolha e interpretação, que implica a articulação por parte do nomeador, bem como conceitos, valores, intenções e códigos. Por conseguinte, considera-se o convencionalismo da linguagem ao migrar de um nível para o outro, ou seja, do sistema lexical para o Onomástico, percebe-se a noção de causa e conduta social do emissor como elementos importantes na construção de uma nomenclatura.

É perceptível que o estudo da origem dos nomes abrange um ambiente atrativo acerca da natureza dos nomes próprios, tanto de pessoas, quanto de lugares. O presente trabalho será direcionado à Toponímia, área que visa compreender a dinâmica dos nomes de lugares, tema que será abordado no item a seguir.

1.4 A TOPONÍMIA

Dentre as inúmeras funções que a linguagem apresenta, o ato de nomear é uma delas. Como visto, a Onomástica é a ciência que tem por objeto a análise dos nomes próprios, tanto de pessoas, como de lugares, estudo denominado de Antroponímia e Toponímia, respectivamente. O estudo dos nomes próprios aqui será restrito à Toponímia, que se ocupa do léxico toponímico, por meio da análise da motivação dos nomes próprios de lugares, especificamente dos morros das cidades turísticas do Tocantins. Segundo Seabra (2004, p. 34), as unidades lexicais “refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade, enquanto recortam o universo em categorias que variam, exprimindo visões particulares de mundo”. Desse modo, os estudos lexicais são relevantes, porque possibilitam conhecer a história de uma sociedade.

O estudo do léxico toponímico reflete aspectos culturais e históricos de um povo. Nesse sentido, Dick (1990) pontua que a Toponímia exerce a função de distinguir os acidentes geográficos e lhes conferem características específicas. Dessa forma, a autora destaca que os topônimos se apresentam como importantes fatores de comunicação, permitindo a referência da entidade por eles designada e se tornam evidências de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população. Ainda conforme a autora, “os topônimos encerram em si um valor que transcende ao próprio ato de nomeação, pois se a Toponímia se situa como a crônica

de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal” (Dick, 1990, p.22). Por outro lado, Dias (2016) explica que nem todas as nomeações são devido à necessidade espontânea de identificação, pois muitas delas refletem a imposição de forças ideológicas, político-religiosas e sociais

Para estudar a motivação dos nomes de lugares, pode ser necessário, eventualmente, adentrar em outras áreas como Geografia, História, Ciências Sociais, dentre outras, para subsidiar o estudo linguístico. Como bem esclarece Dick (1990, p. 35), a Toponímia “é um imenso complexo línguo-cultural, em que os dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e, não, exclusivamente”. Nessa mesma linha de pensamento, Isquerdo e Dargel (2020) pontuam que os resultados de um estudo toponímico podem tornar-se um documento linguístico-cultural de uma região.

Para se compreender a Toponímia como se observa atualmente, é importante mencionar o período histórico dos estudos toponímicos. Dick (1990) informa que o aparecimento da Toponímia como disciplina ocorreu na França, por volta de 1878, quando Auguste Longnon introduziu os seus estudos, em caráter regular, na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França. Tempos depois, em 1922, Albert Dauzat retomou os estudos onomásticos interrompidos com a morte de Longnon. Em 1938, Dauzat organizou o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, com a participação de vinte e um países, ocasião em que foram discutidas resoluções práticas, dentre elas a sistematização dos processos de pesquisa, que traça normas a seres seguidas pelos pesquisadores.

Com relação aos estudos toponímicos no Brasil, Cavalcin (2008) afirma que teve início na Universidade de São Paulo em 1934, a princípio, na cadeira de Etnografia e Língua Tupi, dirigida pelos professores Dr. Plínio Ayrosa e Carlos Drummond. Nesse período, os estudos toponímicos no Brasil eram focados na listagem de nomes indígenas, seguidos de sua etimologia, estando muitas vezes relacionada ao estudo do tupi antigo, com foco nas características de imutabilidade do topônimo no momento de sua fixação

Embora, atualmente, a importância dos estudos culturais dentro dos estudos toponímicos seja indiscutível, nem sempre houve o interesse em estudar o significado dos nomes, sendo os estudos focados apenas na linguística. De acordo com Sólis

(2018), os topônimos envolvem questões do tipo de motivação do nome, do seu significado e outras mais culturais, o que abarca o valor simbólico do nome.

Conforme Dick (1900), a Toponímia como uma disciplina autônoma e inserida nos estudos linguísticos, teve que conquistar o seu espaço, uma vez que, tradicionalmente, era vinculada apenas à Geografia, razão pela qual foi desafiadora a sua efetiva vinculação à Linguística, mas especificamente aos estudos lexicais. A autora ressalta que os nomes de lugares se formalizam segundo condicionantes típicas a cada denominador, isoladamente ou como decorrência de uma manifestação mais ampla da comunidade envolvida. Nessa perspectiva, o item a seguir abordará as classificações taxonômicas dispostas por Dick (1992). O modelo foi criado pela autora e é utilizado para auxiliar na identificação da natureza motivacional por trás dos nomes.

1.5. CLASSIFICAÇÕES TAXONÔMICAS

No Brasil, as obras de Dick fornecem importante referencial teórico para quem se adentra nos estudos toponímicos, pois os trabalhos desenvolvidos pela autora buscam explicitar a origem dos nomes, por meio de categorias e agrupamentos da natureza dos topônimos. Ao pesquisar sobre categorias taxonômicas, a obra dessa autora é indispensável, pois Dick (1992, p. 23 e 24), apresenta a seguinte classificação taxonômica para os topônimos relacionados com o ambiente físico-geográfico, os quais denomina taxonomia de natureza física, e relacionados com os aspectos sociais, históricos e culturais que envolvem o ser humano, as quais chama taxonomia de natureza antropocultural:

Quadro 1. Taxonomia de Natureza Física

Taxonomia	Referência	Exemplo
Astrotopônimos	Topônimos relacionados aos corpos celestes em geral	Estrela (BA) Saturno (ES)
Cardinotopônimos	Topônimos relacionados às posições geográficas de modo geral.	Praia norte (TO) Goianorte (TO)
Cromotopônimos	Topônimos relativos à escala cromática.	Rio Verde (GO) Rio Negro(AM)

Dimensiotopônimo	Topônimos relacionados às características dimensionais dos acidentes geográficos, bem como extensão comprimento.	Ponte Alta Tocantins (TO) Cachoeira Grande (MA)
Fitotopônimo	Topônimos de origem vegetal, espontânea em sua individualidade.	Ananás (TO) Pequizeiro (TO)
Geomorfotopônimo	Topônimos relativos às formas topográficas.	Chapada da Natividade (TO); Colinas do Tocantins (TO)
Hidrotopônimos	Topônimos relacionados aos acidentes hidrográficos em geral.	Lagoa da Confusão (TO); Riachinho (TO)
Litotopônimo	Topônimos de origem mineral relativos também à constituição do solo representada por indivíduos.	Cromínia (GO) Niquelândia (GO)
Meteorotopônimos	Topônimos relativos a fenômenos atmosféricos	Ventania (SP)
Zootopônimo	Topônimos de índole animal representados por indivíduos domésticos.	Peixe (TO), Arraias (TO)

Fonte: Adaptada de Dick (1992).

Quadro 2. Taxonomia de Natureza Antropocultural

Taxonomia	Referência	Exemplo
Animatopônimo ou Nootopônimos	Topônimos relativos à vida psíquica e espiritual, abrangendo todos os produtos do psíquico humano como fato cultural	Paraíso do Tocantins (TO)
Antropotopônimos	Topônimos relacionados aos nomes próprios individuais.	Pedro Afonso (TO), Bernardo Sayão (TO)
Axiotopônimo	Topônimos relacionados aos títulos e dignidade.	Presidente Kennedy (TO)
Corotopônimos	Topônimos relacionados aos nomes de cidades países e estados.	Filadélfia (TO) Tailândia (PA)

Cronotopônimos	Topônimos que encerram indicadores cronológicos, representados na toponímia pelos adjetivos novo/nova, velho/velha.	Novo Alegre (TO) Novo Jardim (TO)
Ecotopônimos	Topônimos relacionados às habitações de um modo geral.	Taipas (TO)
Ergotopônimos	Topônimos relacionados aos elementos da cultura material	Colares (PA), Talismã (TO)
Etinotopônimos	Topônimos relacionados aos elementos étnicos isolados ou não.	Xambioá (TO) Oriximiná (PA)
Dirrematopônimo	Topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos.	Vale do Vai quem quer- Taquaruçu (TO)
Hierotopônimos	Topônimos referentes aos nomes sagrados de diferentes crenças, sendo crista, hebraica etc.	Santa Rita do Tocantins (TO), São Miguel do Tocantins (TO)
Historiotopônimos	Topônimos relacionados aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como as datas correspondentes.	Carolina (MA)
Hodotopônimos ou odotopônimos	Topônimos relativos às vias de comunicação rural ou urbana.	Estreito (MA)
Numerotopônimos	Topônimos relacionados aos adjetivos numerais.	Dois Irmãos (TO) Dois Córregos (SP)
Poliotopônimos	Topônimos constituídos pelos vocábulos, “Vila”, “Aldeia”, “Cidade” “povoado” “Arraial”	Vila Rica (MT)
Sociotopônimos	Topônimos relacionados às atividades profissionais, aos locais de trabalho e pontos de encontro dos membros de uma comunidade.	Lavandeira (TO)
Somatopônimos	Topônimos em relação metafórica às partes do corpo humano ou do animal.	Braço do Norte (SC) Pé de Serra (BA)

Fonte: Adaptada de Dick (1992)

Essa classificação elaborada por Dick (1992), consolida bases teóricas para o estudo dos topônimos, servindo como orientação para novos pesquisadores. Nesse sentido, Dias (2016) ressalta que, através dessa classificação, busca-se apreender as causas motivadoras das denominações e chegar à significação toponímica, podendo-

se afirmar que essa metodologia veio garantir a autonomia dos estudos sincrônicos ao privilegiar o exame linguístico do léxico toponímico.

Finalizada a abordagem acerca do referencial teórico, no capítulo a seguir será apresentado o contexto histórico do estado do Tocantins, bem como das cidades turísticas tocantinenses onde os morros estão situados.

CAPÍTULO 2. O ESTADO DO TOCANTINS

Observou-se que a Toponímia é um estudo abrangente, que envolve aspectos geo-históricos, socioculturais e antropolinguísticos. Consoante essa premissa, é importante ter conhecimento acerca da história local. Para tanto, neste capítulo, será apresentado um breve panorama a respeito da história do estado do Tocantins.

O Brasil é marcado por uma história rica e complexa de formação de seus estados. A promulgação da Constituição Federal de 1988 foi a culminância de vários episódios significativos no processo de criação do estado do Tocantins, uma região que emergiu da luta pela autonomia e pela identidade própria. Para a compreensão desse processo, é necessário conhecer alguns fatos ocorridos no decorrer do tempo.

A história do Tocantins está intrinsecamente ligada à formação do estado de Goiás. Durante décadas, as regiões norte e central do estado goiano compartilharam os mesmos recursos, porém, a área mais ao norte foi se distanciando culturalmente, devido à migração de pessoas vindas de estados como o Pará e Maranhão, além disso, a pobreza e o descaso predominavam no norte goiano. A autonomia era algo desejado por algumas lideranças, que almejavam uma administração mais direta sobre os recursos destinados à região. Esse sentimento de identidade regional foi estudado por autores como Luís Palacin e Temis Gomes Parente, que observaram a formação de uma consciência tocaninense, resultante da percepção de que suas necessidades e peculiaridades não eram adequadamente representadas pelo governo central em Goiânia e analisaram as implicações econômicas, sociais e culturais dessa divisão.

Para a compreensão da origem do estado do Tocantins, é necessário reportar-se aos tempos da colonização, quando foi iniciada a exploração dos sertões do Tocantins. De acordo com dados disponibilizados pela Secretaria da Cultura do Tocantins- SECULT (2023), coube aos franceses a descoberta do Rio Tocantins pela foz, no ano de 1610. A respeito disso, dados disponibilizados pela Secretaria de Comunicação do Tocantins- SECOM (1998) informa que foi através do rio Tocantins que teve início o conhecimento e exploração da região onde hoje se localiza o estado do Tocantins. Ainda no século VII os padres da Companhia de Jesus fundaram as aldeias missionárias da Palma e do Duro, atual Paranã e Dianópolis, respectivamente.

Com a exploração da região através do Rio Tocantins, logo se teve notícia da existência de ouro no local. A respeito disso, Palacin (1994) explica que a exploração do ouro teve grande importância no processo de colonização, conforme trecho a seguir:

Em Goiás, as bandeiras chegaram a familiarizar-se com regiões tão distantes como o médio Araguaia (Ilha do Bananal) e as confluências com o Tocantins. Como subprodutos destas expedições, as bandeiras retornavam algumas vezes, com pequenas quantidades de ouro de aluvião dos rios do norte, especialmente areias do Araguaia. (Palacin, 1994, p. 17).

O autor fornece detalhes geográficos da região, ressalta que o território goiano se apresentava como uma continuidade do planalto central brasileiro, com uma suave inclinação na metade norte para a bacia amazônica, com a qual se comunica através de seus grandes rios, Tocantins e Araguaia. O território goiano se oferecia aberto à exploração pelo Leste, partindo de São Paulo, ou também do Rio e Bahia. Também era possível adentrar o território através das correntes dos rios amazônicos. Embora apresentasse alguns obstáculos naturais desafiadores como as enormes distâncias, os sertões, as corredeiras, as cachoeiras, os povos originários que defendiam seus territórios eram os maiores dificultadores enfrentadas para a exploração do novo território. Seguindo essa linha, Parente (2007, p. 35) explica que, “do final do século XVI até a segunda metade do século XVII, várias bandeiras preadoras percorreram o sertão goiano, algumas delas chegando até o norte de Goiás”.

Acreditava que nessas terras existia ouro, devido às descobertas de minas de ouro em Minas Gerais no ano de 1690 e em Cuiabá em 1718. Acreditando nessa hipótese, Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, conseguiu autorização do rei de Portugal a fim de explorar a região. Conforme Parente (2007), o norte de Goiás foi o denominativo inicial atribuído a uma região das Minas dos Goyazes e que, a princípio, dizia respeito somente ao aspecto geográfico, ou seja, à localização de uma sequência dos descobrimentos auríferos que ocorreram durante toda a primeira metade do século XVIII.

Com a descoberta do ouro, houve um grande deslocamento de pessoas para a região. Nesse contexto, Parente (2007, p. 23) destaca que “com o ouro de aluvião aflorando em quase toda a região, o norte goiano passou a ser conhecido como uma das áreas que mais produziam esse minério na capitania”. Entretanto, com o decorrer

do tempo, o ouro foi se tornando escasso e o norte goiano passou a ser sinônimo de atraso econômico e a área ficou relegada à pobreza e ao esquecimento.

Foi durante o auge da exploração do ouro que primeiros arraiais surgiram. De acordo com Parente (2007), em decorrência da exploração do minério na região, pessoas vindas de todas as partes da colônia se firmaram no local, no intuito de obter fácil enriquecimento. Ainda conforme o autor, como as minas predominantes em Goiás eram do tipo aluvisional, a população que chegava através dos rios e riachos, formavam um novo arraial na medida em que descobria o ouro. Dependendo da quantidade de riqueza existente, o arraial prosperava ou era abandonado.

De acordo com Palacin (2008), com a decadência ou desaparecimento do ouro, o governo português, que antes procurava canalizar toda a mão de obra da capitania para as minas, passou, através de suas autoridades, a incentivar e promover a agricultura em Goiás. Ainda de acordo com o autor, na primeira metade do século XIX, a capitania de Goiás enfrentava sérias dificuldades. Devido à crise econômica na região, a população não só diminuía como se dispersava pelos sertões. Em consequência disso, os arraiais desapareciam ou entravam em declínio e a agropecuária estava reduzida à produção de subsistência.

No final do século XIX e no decorrer do século XX, a ideia de se criar um novo estado esteve inserida no contexto das discussões apresentadas em torno da redivisão territorial do país, mas a concretização dessa ideia se deu com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que desmembrou o norte de Goiás, reconhecendo o direito à autonomia do Tocantins. A partir desse momento histórico, o estado começou a sua jornada como uma unidade federativa independente, com Palmas como sua capital. Esse marco representou não apenas uma divisão geográfica, mas também a afirmação da identidade tocantinense e a promessa de um futuro melhor para seus habitantes.

Atualmente, o Tocantins possui 1.511.459 habitantes, conforme Censo Demográfico do IBGE (2022). Ainda conforme dados desse Instituto, a população do Tocantins é composta, em sua maioria, por pessoas vindas do estado do Pará, com 119 mil; seguido de Goiás, com 106 mil; Maranhão, com 37 mil; Mato Grosso, com 27 mil; Distrito Federal; com 19 mil; São Paulo, com 9 mil; e Minas Gerais, com 6 mil. Por fim, vale destacar que, devido às riquezas naturais e culturais, o estado do Tocantins,

após a publicação da Lei 14.658/23, passou a integrar a Rota Nacional do Turismo de Aventura, Ecológico, Rural, de Sol e Praia Doce, de Vivência, Cultural e Religioso.

Nesse primeiro momento, foi abordado o panorama histórico sobre a criação do estado do Tocantins. No capítulo a seguir será apresentado o contexto histórico das cidades turísticas tocantinenses, dispostas em ordem alfabética, para buscar relacionar esses dados com a origem dos nomes dos morros estudados.

2.1 AS CIDADES TURÍSTICAS DO TOCANTINS

Neste item será abordado o contexto histórico das cidades de Lajeado, Mateiros, Palmas, Ponte alta do Tocantins e São Félix do Tocantins, cidades que abrigam os morros estudados e que pertencem, conforme Mapa do Turismo Brasileiro (Brasil, 2019) à Região Turística Encantos do Jalapão e Região Turística Serras e Lagos, conforme apresentadas adiante, organizadas em ordem alfabética.

2.1.1 Lajeado

Conforme informações disponibilizadas pela Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente- SEPLAN (2017), a cidade de Lajeado, cujo nome vem de um ribeirão que banha parte do município e desagua no rio Tocantins, foi povoada, na década de 20, por imigrantes nordestinos vindos pelo rio Tocantins, pois o meio de transporte mais viável na época para comercialização de mercadorias trazidas das regiões norte e nordeste, era a navegação por botes e canoas, e tais mercadorias movimentavam o comércio local, onde eram trocadas pelo ouro explorado na Serra do Lajeado.

Ainda de acordo com dados da SEPLAN (2017), Sérgio Monteiro e sua esposa, Maria Monteiro, foram os primeiros moradores do lugarejo e Justiniano Sales Monteiro, filho do casal, é considerado o fundador da cidade, pois foi ele quem efetivou o comércio fluvial da região, elevando o lugarejo a povoado. Além disso, Justiniano Sales Monteiro foi o responsável pelas primeiras construções públicas na região, como a Capela de Lajeado, a Igreja de Nossa Senhora da Divina Providência e a histórica Usina Hidrelétrica de Lajeado, inaugurada em 1971.

Em fevereiro de 1991, Lajeado foi emancipada, sendo desmembrada do município de Tocantínia, e, a partir de então, o município passou por várias

transformações, principalmente na área econômica, com a construção da Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães. Além disso, a cidade abriga inúmeras riquezas naturais como lago, morros, córregos e cachoeiras, que favorecem a exploração turística na região. A seguir, será apresentado o contexto histórico acerca da formação da cidade de Mateiros.

2.1.2 Mateiros

Em 24 de julho de 1963, através da Lei Municipal nº 53/63, foi criado o Distrito de Mateiros, no Alto Jalapão, subordinado ao município de Ponte Alta do Norte, atual Ponte Alta do Tocantins. Em 20 de fevereiro de 1991, através da Lei nº. 15/91, foi criado o município de Mateiros, com seus devidos limites e confrontações. A cidade possui 2.748 habitantes, conforme Censo demográfico do IBGE (2022).

Situado na região leste do Tocantins, a cidade faz divisa com os estados da Bahia, Piauí e Maranhão. Há poucos dados disponíveis acerca da história do município de Mateiros, entretanto, foi possível encontrar informações disponibilizadas pela SEPLAN (2017), que informa que o local era frequentado por caçadores vindos do Piauí e teve como primeiros moradores um caçador conhecido pelo apelido de "Lapa" e sua família. Ainda conforme SEPLAN (2017), a denominação Mateiros deve-se à grande quantidade de veados campeiros com este nome existente na região onde está assentado o município. A cidade de Mateiros faz parte de uma importante região turística do Tocantins, conhecida como Parque Estadual do Jalapão, que se destaca como um dos principais roteiros para a prática de ecoturismo. No próximo item, será abordado o contexto história da capital do Tocantins, a cidade de Palmas.

2.1.3 Palmas

Palmas é a capital do estado do Tocantins e é a cidade mais jovem do país, que, de acordo com o Censo demográfico do IBGE (2022), possui 302.692 habitantes. O município de Palmas foi criado em 20 de maio de 1989 e instalada em 1º de janeiro de 1990, após a um processo de transferência da capital provisória, o município de Miracema. Conforme dados da SEPLAN (2017), em 15 de novembro de 1988, o então governador do estado solicitou um levantamento para definir a localização de uma

cidade que possibilitasse ser um polo de irradiação de desenvolvimento econômico e social do estado recém-criado, e o resultado do estudo determinou uma área localizada entre os municípios de Porto Nacional e Taquarussu do Porto, a leste do povoado do Canela.

Palmas foi elevada à categoria de município com a denominação de Taquarussu do Porto, pela Lei Estadual nº 10.419, de 01-01 de 1988, desmembrado do município de Porto Nacional. Pela Resolução nº 28, de 29-12-1989, o município de Taquarussu do Porto foi extinto, passando a chamar-se Palmas, que em 01-01-1990 passou a ser a Capital do Estado.

De acordo com SEPLAN (2017), o nome "Palmas" foi escolhido em homenagem à comarca de São João da Palma, atual município de Paranã, que foi sede do primeiro movimento separatista do norte goiano. A cidade é banhada pelo Rio Tocantins e, ao leste, é abrangida pela Área de Proteção Ambiental Serra do Lajeado (APASL), uma área de proteção ambiental rica em recursos naturais. No próximo item, será abordado o contexto história da cidade de Ponte Alta do Tocantins.

2.1.4 Ponte Alta do Tocantins

Considerado o Portal do Jalapão, o município de Ponte Alta do Tocantins tem a sua origem relacionada ao rio existente na região, o rio Ponte Alta. De acordo com Cavalcante (2023), no final do século XIX, os viajantes nordestinos necessitavam atravessar o rio para chegar em outras localidades, como Natividade, Almas e outras cidades de Goiás. No período entre maio e junho, esses viajantes traziam mercadorias e no período chuvoso retornavam para o nordeste com boiadas. O local ainda era inabitado, não havia ponte para facilitar a passagem, o trânsito de pessoas era feito através de uma grande árvore caída de uma margem a outra do rio. Os viajantes chamavam essa passagem de "pinguela", que era muito alta, daí surgiu o nome "ponte alta" que foi o nome dado primeiramente ao rio, posteriormente o município foi batizado com o mesmo nome, que começou a ser povoado por canoeiros, caçadores e pescadores.

De acordo com SEPLAN (2017), o local apresentava boas matas de cultura e campos, o que atraiu pessoas para essa região. O primeiro morador que se tem notícia foi Pedro Lucas, um canoeiro e pescador conhecido por Pedro Taca, que vivia no local

com a família. A ocupação aconteceu, principalmente pela migração do sul do Piauí, do Maranhão e Bahia no final do século XIX. a principal atividade econômica era a agricultura, pecuária de pequeno e médio porte, a caça e a pesca.

A SEPLAN (2017) informa que, com o passar do tempo, formou-se o povoado batizado de Ponte Alta do Norte. O marco do povoamento foi a construção da capela à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde foi celebrada a primeira missa em 1913. Em 1944, a Vila recebe outra denominação passando a ser chamada Iabetê e, em 1949, foi construído o primeiro estabelecimento de ensino. Um projeto de emancipação foi apresentado em 1958, que deu origem ao município de Ponte Alta do Norte que, após a criação do Estado do Tocantins, recebe a denominação de Ponte Alta do Tocantins. A área oficial do município atualmente é de 6.491 km² e no recenseamento de 2022 consta com 7.586 habitantes, de acordo com o Censo 2022 do IBGE. No item a seguir, será abordado o contexto história da cidade de São Félix do Tocantins.

2.1.5 São Félix do Tocantins

De acordo com dados da SEPLAN (2017), o povoamento do município de São Félix do Tocantins iniciou com migrantes nordestinos vindos principalmente do Piauí, Maranhão e Bahia, surgindo como arraial em 1736. O município foi fundado em 05 de outubro de 1989 e pertence ao Polo Ecoturístico do Jalapão. Geograficamente é o mais central do Jalapão, limitando-se ao norte com o município de Lizarda, ao Sul com Mateiros, a Oeste com Novo Acordo e a Leste com o Maranhão.

Ainda conforme SEPLAN (2017), O município foi instalado em 20 de fevereiro de 1991, pela Lei Estadual nº. 251. A cidade é dividida em duas partes, separadas pelo Ribeirão São Félix, um afluente do rio Soninho. Possui uma população de 1.783 habitantes com uma área territorial de 1.913,110 km², segundo Censo demográfico do IBGE (2022). A cidade situa-se a 195,23 km de distância em linha reta da capital Palmas, e é repleta de atrativos naturais, como rios, corredeiras e a Serra da Catedral. No próximo capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos utilizados para esta pesquisa.

CAPÍTULO 3. METODOLOGIA

Neste capítulo, serão abordados os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa. Primeiramente, é salutar informar o processo de escolha dos morros que foram protagonistas do presente estudo. Para a seleção dos morros, utilizou-se o Mapa do Turismo Brasileiro (Brasil, 2019), que é uma ferramenta que reúne municípios com vocação turística em todo país. Desse mapa, foram selecionadas duas regiões: a Região Turística Encantos do Jalapão e Região Turística Serras e Lagos. Posteriormente, buscou-se, com o auxílio das informações contidas na Plataforma Integrada do Turismo, da Secretaria do Turismo do estado do Tocantins (Sectur, 2023), os municípios pertencentes a essas regiões que possuem morros como atrativos turísticos. A partir dessa busca, foram selecionados nove morros: Morro da Catedral, Morro do Chapéu, Morro da Cruz, Morro do Leão, Morro do Limpão, Morro Saca-Trapô, Morro do Segredo, Morro da Tartaruga e Morro Vermelho.

Para desenvolver esta pesquisa, utilizou-se a metodologia de cunho qualitativo que, de acordo com Chizzoti (2010), tem como objetivo investigar e interpretar um fenômeno ou um evento a partir do significado conferido a esses acontecimentos pelos sujeitos que partilham deles. Ainda de acordo com o autor, o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. Esses conceitos são reforçados por Bauer e Gaskell (2014, p. 23), que pontuam que a pesquisa qualitativa “lida com interpretações das realidades sociais”. Ademais, convém destacar alguns aspectos da pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que posiciona o observador no mundo. Ela consiste em um conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o mundo visível. Essas práticas transformam o mundo, fazendo dele uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais. (Flick, 2008, p. 16).

Quanto ao tipo, este trabalho apresenta aspectos da pesquisa explicativa e descritiva. O primeiro tipo, tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois nas palavras de Gil

(1998, p. 42) “explica a razão, o porquê das coisas”. Já a pesquisa descritiva, de acordo com os conceitos propostos por Bervian *et al* (2007), observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los. Os autores pontuam que esse tipo de pesquisa pode assumir diversas formas, dentre elas a pesquisa de motivação.

Quanto à técnica, esta pesquisa tem caráter bibliográfico e documental. A pesquisa bibliográfica procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses que, conforme Bervian *et al* (2007), pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. A pesquisa bibliográfica também é abordada por Bertucci (2009). A autora explica que essa técnica consiste na realização do trabalho tendo como referência a leitura, a análise e a interpretação de documentos existentes acerca de um determinado fenômeno.

As principais contribuições teóricas para este trabalho, no que se refere aos estudos toponímicos, foram extraídos dos ensinamentos de Dick (1990) e (1992); Dias (2016); Isquerdo (2012) e (2020); e Sólis (2018). Para o estudo do significado dos nomes, foi utilizado o dicionário de Língua Portuguesa Houaiss (2009); com relação à etimologia dos topônimos, utilizou-se o dicionário etimológico da Língua Portuguesa de Nascentes (1955).

A coleta de dados da pesquisa foi realizada no mês de agosto de 2023. As informações foram extraídas de teses, artigos, sites do governo estadual e, devido à escassez de estudo sobre o tema em alguns municípios, o presente trabalho também recorreu às informações contidas em sites e blogs de viajantes, que compartilham informações acerca da origem dos nomes dos morros, obtidas através do contato direto com a comunidade local. Também foi utilizada a observação direta, que conforme descreve Bertucci (2009), é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade.

Para a organização dos dados obtidos e para a apresentação dos resultados, uma ficha lexicográfica foi adaptada da obra de Dick (1990), contendo as seguintes informações: Topônimo, município, região turística, etimologia, motivação toponímica, taxonomia e imagem. Esse modelo de catalogação, com algumas adaptações, constitui-se de um quadro de informações ordenadas sobre um signo toponímico que agrupa informações, tal como se apresenta a seguir:

Quadro 3. Ficha Lexicográfica-Toponímica adaptada de Dick (1990).

Topônimo	Município:
Região turística:	
Etimologia:	
Motivação Toponímica:	
Taxonomia:	
Imagem:	

Fonte: adaptada de Dick (1990).

Assim, em cada ficha, há os seguintes itens:

Topônimo: refere-se ao nome do morro;

Município: local onde o morro está situado

Região Turística- região onde o município está localizado, conforme Mapa do Turismo Brasileiro (Brasil, 2019);

Etimologia: trata-se da história ou origem das palavras;

Motivação Toponímica: refere-se aos fatores que motivaram a escolha do topônimo;

Taxonomia: refere-se à classe do topônimo segundo a taxonomia toponímica proposta por Dick (1990);

Imagem: foto do morro objeto da análise.

Por meio da categorização na ficha lexicográfica-toponímica, espera-se elucidar a forma como os topônimos foram determinados. No capítulo seguinte, serão apresentados a análise e discussão dos dados, através da apresentação das fichas lexicográficas dedicadas, separadamente, para cada morro pesquisado, dispostas em ordem alfabética.

CAPÍTULO 4- ANÁLISE E DISCUSSÃO

Neste capítulo, serão apresentados e analisados os dados, tanto de natureza linguística, quanto de natureza extralinguística relacionados aos topônimos coletados e catalogados em fichas lexicográficas adaptadas de Dick (1990). A seguir, apresenta-se a análise de cada topônimo que foi realizada após a interpretação dos dados coletados e incluídos na ficha.

4.1. TOPÔNIMO CATEDRAL

Quadro 4. Classificação do Topônimo *Catedral*

Topônimo: Catedral	Município: São Félix do Tocantins
Região Turística: Encantos do Jalapão	
Etimologia: De acordo com Houaiss (2009), <i>catedral</i> é adjetivo de dois gêneros relativo à <i>cátedra</i> , diz-se de igreja principal de uma diocese; por metáfora: que evoca uma catedral, por sua grandiosidade, magnificência. Conforme Nascentes (1955), a palavra vem do grego <i>kathédra</i> , 'que serve para sentar', assento, banco, fundamento; pelo latim <i>cathêdra</i> , <i>ae</i> , assento, cadeira'.	
Motivação Toponímica: Formação rochosa em forma de uma catedral.	
Informações Geográficas e/ou Históricas: O morro da Catedral está localizado em uma Reserva Particular de Patrimônio Natural- RPPN Catedral do Jalapão. De acordo com Carvalho, Fonseca e Melo (2017), a formação rochosa (morro testemunho) em forma de uma catedral, deu sentido ao nome.	
Taxonomia: Natureza Antropocultural - Hierotopônimo relativo aos nomes sagrados de diferentes crenças.	
Imagem 1: 	
Foto: folhadojalapao.com	

Catedral é o topônimo do morro situado na Reserva Particular de Patrimônio Natural (RPPN) Catedral do Jalapão, no município de São Félix do Tocantins, que é

uma categoria de unidade de conservação particular criada em área privada, sob autorização do Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade (ICMBio). Conforme Houaiss (2009) a palavra é relativa a cátedra, que quer dizer igreja principal de uma diocese. Quanto à etimologia, Nascente (1955) informa que a palavra se origina do grego *kathédra*, cujo significado é ‘que serve para sentar’, assento, banco, fundamento; pelo latim *cathêdra*, ae, assento, cadeira’.

O topônimo Catedral está inserido na categoria de natureza antropocultural e classificado como um hierotopônimo que, de acordo com Dick (1992), é um topônimo relativo aos nomes sagrados de diferentes crenças, como cristã, hebraica, dentre outras. e também está relacionado aos locais de culto. No Brasil, a devoção à fé cristã é uma herança portuguesa, introduzida no período colonial pelos jesuítas, e o brasileiro, de uma forma geral, tem a religiosidade e o sagrado bem incorporado na sua cultura, e isso reflete nas escolhas lexicais. Com isso, observou-se que a motivação toponímica do Morro da Catedral está associada à sua aparência, cuja formação rochosa se assemelha ao conhecido local onde acontecem cultos sagrados.

Dessa motivação, fica evidente a relação entre o homem e o meio onde vive e convive, bem como foi observado por Zamariano (2012), que afirma que por meio da língua o homem e seu grupo exteriorizam a forma como percebem o mundo ao redor, revelando traço de sua cultura. Por conhecer o significado da palavra *Catedral*, o homem conseguiu associar o conceito da palavra com a aparência do morro e, dessa forma, o topônimo escolhido tornou-se significativo para determinada comunidade, o que fez com que o nome se estabelecesse. Em conformidade ao que afirma Oliveira e Isquerdo (2001), o léxico representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua, é o que mais deixa transparecer os valores e crenças.

4.2. TOPÔNIMO CHAPÉU

Quadro 5. Classificação do Topônimo *Chapéu*

Topônimo: Chapéu	Município: Palmas
Região Turística: Serras e Lago	
Etimologia: A palavra <i>chapéu</i> é um substantivo masculino, que significa peça do vestuário provida de copa e abas, destinada a cobrir a cabeça. De acordo com Nascentes (1955), a etimologia vem do francês antigo <i>chapel</i> , um tipo de penteado usado por homens e mulheres, atual <i>chapeau</i> .	
Motivação Toponímica: Formação rochosa de cume achatado, com formato que se	

assemelha a um chapéu.

Informações Geográficas e/ou Históricas: O nome advém do formato do morro, que se assemelha ao elemento chapéu. Não constam dados oficiais acerca da motivação toponímica. Diante disso, a obtenção da informação se deu por meio da percepção pessoal da autora.

Taxonomia: Natureza Antropocultural - Ergotopônimo relativo aos elementos da cultura material.

Imagem 2:



Foto: Bonifácio/T1

O topônimo *Chapéu* nomeia o morro situado na Área de Proteção Ambiental (APA) Serra do Lajeado, no município de Palmas/TO. Conforme Houaiss (2009), a palavra chapéu é um substantivo masculino que significa peça do vestuário provida de copa e abas, que tem a finalidade de cobrir a cabeça. Conforme Nascente (1955), a palavra deriva do francês antigo *chapel*, um tipo de penteado usado por homens e mulheres.

O topônimo *Chapéu* foi motivado pela aparência da formação rochosa que se assemelha ao elemento chapéu, por isso, está inserido na categoria de natureza antropocultural e classificado como um ergotopônimo, pois está relacionado aos elementos da cultura material. Como expõe Dick (1990), os ergotopônimos abrangem elementos de organização material ou psíquica de um determinado organismo humano.

Por se tratar de um morro cuja formação rochosa se assemelha a um objeto produzido pelo homem, tal fato favoreceu a percepção da semelhança entre ambos, e isso se tornou um referente motivacional no ato de nomear. Essa informação está em conformidade com que nos informa Sapir (1969), que destaca que o léxico da

língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. Essa relação entre o homem e o meio foi observado por Biderman (1991), ao afirmar que o léxico de uma língua é fruto da interação entre comunidade e ambiente. Percebe-se, portanto, que a escolha do topônimo Chapéu não foi aleatória, e sim uma classificação baseada na interação entre o homem e o ambiente onde está inserido.

4.3. TOPÔNIMO CRUZ

Quadro 6. Classificação do Topônimo *Cruz*

Topônimo: Cruz	Município: Ponte Alta do Tocantins
Região Turística: Encantos do Jalapão	
Etimologia: a palavra <i>cruz</i> é um substantivo feminino. Conforme Houaiss (2009) trata-se de uma figura geométrica formada por dois traços de intersecção perpendicular. A palavra remonta a história, quando era utilizado um instrumento de tortura e execução formado por dois toros transversais onde se pregavam as vítimas. No contexto religioso, trata-se de um instrumento em que Jesus Cristo esteve crucificado e que se tornou símbolo da religião cristã. Etimologia latina <i>crux</i> , <i>crucis</i> , 'o tronco da cruz'.	
Motivação Toponímica: existência de um cemitério na base do morro	
Informações Geográficas e/ou Históricas: O Morro da Cruz leva esse nome, pois, de acordo com SECTUR (2023), em sua base existia um antigo cemitério chamado Morro das Cruzes. As pessoas que faleciam nos povoados próximos ao local eram levadas a esse cemitério e enterradas sem caixão.	
Taxonomia: Natureza antropocultural - Hierotopônimo relativo aos nomes sagrados	
Imagem 3: 	
Foto: Blog pé na estrada	

Cruz é o topônimo do morro situado no município de Ponte Alta do Tocantins/TO, também conhecida como Portal do Jalapão. Conforme Houaiss (2009), trata-se de uma figura geométrica formada por dois traços de intersecção

perpendicular. No contexto religioso, trata-se de um instrumento em que Jesus Cristo esteve crucificado e que se tornou símbolo da religião cristã. Quanto a etimologia, a palavra origina-se do latim *crux*, *crucis*, que significa ‘o tronco da cruz’.

O topônimo *Cruz* está inserido na categoria de natureza antropocultural e classificado como um hierotopônimo, que de acordo com Dick (1992) é um topônimo relativo aos nomes sagrados de diferentes crenças, como cristã, hebraica, dentre outras. A motivação toponímica advém da existência de um antigo cemitério na base do morro, dessa forma, o homem percebeu a presença de um símbolo sagrado no campo santo, e isso foi relevante para influenciá-lo a escolher o topônimo Cruz, traduzindo sua percepção acerca dos elementos do ambiente. A respeito disso, Biderman (1998) ressalta que a geração do léxico se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em palavras. Vale ressaltar o aspecto sagrado incorporada na cultura local, tendo em vista que a nomenclatura do Morro da Cruz expõe o conhecido de um elemento da cultura material cristã.

4.4. TOPÔNIMO LEÃO

Quadro 7. Classificação do Topônimo *Leão*

Topônimo: Leão	Município: Lajeado
Região Turística: Serras e Lago	
Etimologia: A palavra <i>leão</i> é substantivo masculino. De acordo com Houaiss (2009), <i>leão</i> é um grande felino encontrado originalmente na Europa, Ásia e África, de coloração variável, entre o amarelo-claro e o marrom-escuro. Etimologia latina <i>leo</i> , <i>onis</i> (leão, felino).	
Motivação Toponímica: As formações rochosas se assemelham a um leão.	
Informações Geográficas e/ou Históricas: O morro é composto por uma colina e uma formação rochosa que tem o formato de um grande leão deitado, devido a aparência inquestionável, o nome se popularizou.	
Taxonomia: Natureza Física - Zootopônimo, topônimo de índole animal.	
Imagem 4: Fonte: Governo do Tocantins	

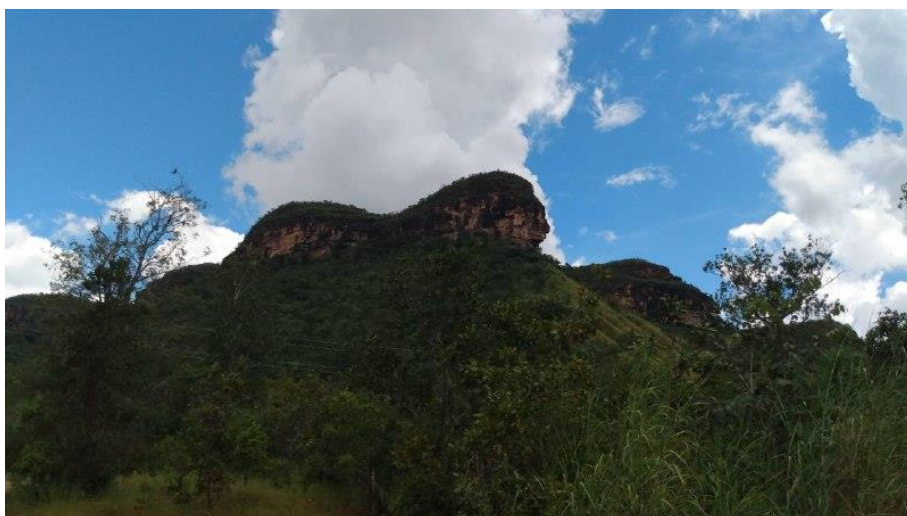


Foto: arquivo pessoal

O topônimo *Leão* nomeia o morro localizado a cerca de 9 km do centro da cidade de Lajeado/TO. A palavra dá nome aos grandes felinos encontrados na Europa, Ásia e África. Conforme Nascentes (1955) a etimologia da palavra *leão* deriva do latim *leo*, *onis*, que significa leão, felino.

O topônimo *Leão* encontra-se incluso na categoria taxonômica de natureza física e classificada como zootopônimo, que são topônimos de índole animal, que conforme Dick (1992), são representados por indivíduos domésticos e não domésticos, da mesma espécie e também em grupos. O nome advém da aparência do morro, cuja formação rochosa se assemelha a um leão. Destarte, podemos extrair que a motivação para o topônimo *Leão* foi baseada no conhecimento de mundo e na interação do nomeador a partir de sua observação das características do ambiente nomeado, e através desse conhecimento pode associar a aparência do morro ao animal de que tem conhecimento.

Dessa forma, ao perceber o formato de um animal, mesmo um que não integra a fauna local, tal fato despertou o interesse do nomeador, e isso vai ao encontro do pensamento de Biderman (1998) que afirma que o léxico de uma língua é fruto da interação entre comunidade e ambiente. A autora ainda pontua que a nomeação resulta do processo de categorização e classificação feita por um sujeito humano, e que tal categorização supõe a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos pelo aparato cognitivo humano.

4.5. TOPÔNIMO LIMPÃO

Quadro 8. Classificação do Topônimo *Limpão*

Topônimo: Limpão	Município: Palmas
Região Turística: Serras e Lago	
Etimologia: Conforme Houaiss (2009) <i>limpão</i> é um adjetivo masculino que deriva da palavra <i>limpa</i> , que por sua vez é um substantivo feminino que significa ato ou efeito de limpar. Etimologia: deriva do latim <i>limpidus</i> , que significa claro, transparente, puro.	
Motivação Toponímica: Formação em arenito e rochas que controlam a proliferação da vegetação, deixando o local com o aspecto "limpo", no sentido de descampado.	
Informações Geográficas e ou Históricas: De acordo com Lemos (2013), o Morro do Limpão é um sítio de Cerrado Rupestre, com afloramento de arenito e paredes rochosas que controlam o afloramento botânico, deixando o local descampado, daí o nome Limpão.	
Taxonomia: Natureza Física - Litotopônimo, topônimo de índole mineral, relativo também à constituição do solo.	
Imagem 5:  Foto: Vanderlan Maciel	

O topônimo *Limpão* deriva da palavra limpo. Ao verificar a etimologia da palavra, encontra-se em Nascente (1955), que se origina do latim *limpidus*, com o sentido de claro, transparente, puro. Segundo fonte já mencionada no quadro do topônimo, a motivação desse nome decorre do aspecto limpo, no sentido de descampado devido ao tipo de solo, que é constituído por arenito que controla o afloramento botânico no local.

Dessa forma, de acordo com o modelo taxonômico de Dick (1992), extraímos que esse topônimo está inserido na taxonomia de natureza física, classificado como

um litotopônimo, pois se refere aos aspectos mineralógicos do terreno. Os litotopônimos, além de revelarem a influência dos minerais e das características do solo na nomeação, demonstram também que o homem, ao nomear os acidentes geográficos, não o faz de forma aleatória, uma vez que está atento aos aspectos físicos do local, para depois nomear de acordo com suas percepções.

De acordo com Ananias e Zamariano (2014), com o léxico à sua disposição para expressar-se, surge o interesse em entender a relação entre o que foi nomeado com a sua motivação. Essa relação entre o homem e o meio se configuram na estrutura linguística de um topônimo, tal fato é observado por Dick (1990), que ressalta que é no léxico toponímico-onomástico que está refletida a cosmovisão de uma comunidade ligada a natureza.

4.6. TOPÔNIMO SACA-TRAPO

Quadro 9. Classificação do Topônimo *Saca-Trapô*

Topônimo: Saca-trapo	Município: Mateiros
Etimologia: A palavra <i>saca</i> , do latim <i>saccus</i> , é um substantivo feminino que significa um receptáculo largo e comprido usado no comércio e também como medida para certas mercadorias como café, arroz, etc. (Houaiss, 2009). A palavra <i>trapo</i> , do latim <i>tardio drappus</i> , é um pedaço de pano gasto, velho e usado; roupa muito gasta, surrada (Houaiss, 2009).	
Motivação Toponímica: sacolas com roupas velhas deixadas no local.	
Informações Geográficas e ou Históricas: Conforme Cardoso (2011), moradores locais relatam que o morro ganhou esse nome porque alguns caçadores deixavam sacolas com roupas velhas no local. Daí não demorou muito para denominá-lo como Saca Trapo.	
Taxonomia: Natureza Antropocultural - Ergotopônimo relativo aos elementos da cultura material.	
Imagem 6:	



Foto: desviantes.com

O topônimo *Saca-Trapo* nomeia o morro situado no Parque Estadual do Jalapão, no município de Mateiros/TO. Conforme Houaiss (2009), A palavra *saca*, origina-se do latim *saccus*, com o sentido de receptáculo largo e comprido usado no comercio e também como medida para certas mercadorias como café, arroz, etc. A palavra *trapo*, do latim tardio *drappus*, é um pedaço de pano gasto, velho e usado; roupa muito gasta, surrada.

De acordo com Cardoso (2011), o topônimo *Saca-Trapo* foi motivado devido a sacolas com roupas velhas deixadas no local. Está inserido na categoria de natureza antropocultural e classificado como um ergotopônimo, pois está relacionado aos elementos da cultura material. Como expõe Dick (1990), os ergotopônimos abrangem elementos de organização material ou psíquica de um determinado organismo humano.

O Topônimo *Saca-Trapo* remete a história do município onde o morro está situado. Como visto, o município de Mateiros, antes mesmo de ser emancipado, era um local frequentado por caçadores que iam em busca de uma espécie de veado campeiro. Infere-se que esses caçadores, durante as caçadas, abandonavam no local as sacas velhas, com trapos igualmente desgastados. O local, atualmente, é um importante ponto turístico da Região do Jalapão, uma área onde não é mais permitida a prática de caça, mas mesmo assim, o nome permanece, dando pistas do passado do local. Ananias e Zamariano (2014) destacam que a história enriquece as

representações possíveis da memória, fornece símbolos e conceitos para que a sociedade pense sobre si mesma e sobre sua relação com o passado e fertiliza a memória, reativando as lembranças

4.7. TOPÔNIMO SEGREDO

Quadro 10. Classificação do Topônimo *Segredo*

Topônimo: Segredo	Município: Lajeado
Região Turística: Serras e Lago	
Etimologia: A palavra <i>segredo</i> é um substantivo masculino. De acordo com Houaiss (2009) significa aquilo que ninguém revela; secreto, sigiloso; o que se oculta à vista e ao conhecimento; causa ou razão desconhecida, secreta, misteriosa (<i>segredos da natureza</i>). Etimologia latina <i>secretum</i> (lugar isolado, solidão, etc.)	
Motivação Toponímica: Moradores da cidade relatam avistamento de luzes misteriosas, o que fez com que pensassem que existe um segredo no local.	
Informações Geográficas e ou Históricas: O Morro do Segredo chama atenção de quem passa pela cidade de Lajeado, pois seu aspecto lembra um vulcão. De acordo com SECTUR (2023), moradores da região afirmam que o local é repleto de mistério e guarda muitos segredos, pois luzes misteriosas já foram avistadas no local.	
Taxonomia: Natureza Antropocultural - Animotopônimo ou Nootopônimo relativo à vida psíquica e espiritual.	
Imagem 7: 	
Foto: Arquivo pessoal	

O topônimo *Segredo* nomeia o morro localizado na fazenda Vão do Lajeado, situado no município de Lajeado/TO. De acordo com Houaiss (2009) significa aquilo

que ninguém revela; secreto, sigiloso; o que se oculta à vista e ao conhecimento; causa ou razão desconhecida, secreta, misteriosa (*segredos da natureza*). Em sua etimologia, segredo deriva do latim *secretum*, que significa lugar isolado, solidão.

Quanto a classificação, o topônimo *Segredo* está inserido na categoria taxonômica de natureza antropocultural e classificado como animotopônimo ou nootopônimo, relativo à vida psíquica e espiritual e abrange a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física. Dias (2016) assinala que os animotopônimos estão relacionados ao psíquico humano ou do denominador diante de uma entidade geográfica, por essa razão, os topônimos incluídos nessa categoria têm forte carga subjetiva, visto que eles refletem as impressões humanas frente ao meio ambiente

O topônimo *Segredo* advém de relatos de moradores que afirmam que o local é repleto de mistérios e guarda muitos segredos devido ao aparecimento de luzes misteriosas. Assim, a motivação para a escolha do nome do morro foi devido às emoções que as luzes misteriosas causaram na comunidade, refletindo na população local um sentimento de que algo misterioso e secreto acontecia, ou seja, o topônimo *Segredo* reflete sensações que o nomeador teve no momento da escolha. Zamariano (2012) ressalta que a linguagem deve ser considerada uma mediadora entre o homem e os fenômenos do mundo que, por sua vez, não necessitam ser reais para se transformarem em objetos de atenção desse homem

4.8. TOPÔNIMO TARTARUGA

Quadro 11. Classificação do Topônimo *Tartaruga*

Topônimo: Tartaruga	Município: Palmas
Região Turística: Serras e Lago	
Etimologia: A palavra tartaruga é um substantivo feminino que dá nome aos répteis da ordem dos quelônios, que possuem os corpos protegidos por carapaça dorsal arredondada (Houaiss, 2009). Etimologia: latim <i>tartarucha</i> ou <i>tartaruca</i> , adaptado do grego <i>tartaroukhos</i> , que habita o Tártaro, que pertence ao inferno.	
Motivação Toponímica: Em razão da semelhança com uma tartaruga.	
Informações Geográficas e ou Históricas: O morro da Tartaruga está localizado na Serra do Lajeado, numa região conhecida como Taquaruçu Grande, na margem esquerda de quem sobe a trilha do Cidão. O morro apresenta o aspecto de casco de tartaruga. De acordo com percepções pessoais, o nome Tartaruga se estabeleceu, pois, as pessoas passaram a reconhecer a semelhança entre o nome e a aparência do local.	

Taxonomia: Natureza Física - Zootopônimo, topônimo de índole animal.

Imagem 8:



Foto: arquivo pessoal

O topônimo *Tartaruga* nomeia o morro situado na cidade de Palmas, especificamente na zona rural denominada Taquaruçu Grande. A palavra é um substantivo feminino que dá nome aos répteis da ordem dos quelônios, que possuem os corpos protegidos por uma carapaça dorsal arredondada. Conforme Nascentes (1955) a etimologia da palavra *tartaruga* deriva do latim *tartarucha* ou *tartaruca*, que por sua vez é adaptado do grego *tartaroukhos*, que significa 'que habita o Tártaro, que pertence ao inferno'.

O topônimo *Tartaruga* encontra-se incluso na categoria taxonômica de natureza física e classificada como zootopônimo, que são topônimos de índole animal, que conforme Dick (1992), são representados por indivíduos domésticos e não domésticos, da mesma espécie e em grupos. O nome advém da aparência do morro, que se assemelha a uma tartaruga.

Destarte, podemos extrair que a motivação para o topônimo *Tartaruga* foi baseada no conhecimento de mundo e na interação do nomeador a partir de sua observação das características do ambiente nomeado. Dessa forma, ao perceber o formato de um animal conhecido, tal fato despertou o interesse do nomeador, e isso vai ao encontro do pensamento de Biderman (1998) que afirma que o léxico de uma língua é fruto da interação entre comunidade e ambiente. A autora ainda destaca que a nomeação resulta do processo de categorização e classificação feita por um sujeito humano, e que tal categorização supõe a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos pelo aparato cognitivo humano

4.9. TOPÔNIMO VERMELHO

Quadro 12. Classificação do Topônimo *Vermelho*

Topônimo: Vermelho	Município: São Félix do Tocantins
Região turística: Encantos do Jalapão	
Etimologia: A palavra <i>vermelho</i> é um adjetivo feminino. Conforme Houaiss (2009), significa cor de sangue. Etimologia: vem do latim <i>vermiculus</i> , que significa 'pequeno verme', remetendo-se à cochonilha, inseto do qual é extraído o corante carmim utilizado em tintas, cosméticos e como aditivo alimentar.	
Motivação Toponímica: Devido às formações rochosas de coloração avermelhada.	
Informações Geográficas e ou Históricas: O Morro Vermelho está localizado às margens a TO-030, entre as cidades de São Félix do Tocantins e Novo Acordo. De acordo com Almeida (2023) o morro recebeu esse nome devido a coloração das rochas ser de um vermelho intenso.	
Taxonomia: Natureza Física - Cromotopônimo, topônimo relativo à escala cromática.	
Imagem 9: 	
Foto: jalapãocomgui.com	

O topônimo *Vermelho* nomeia o morro situado às margens da TO-030 no município de São Félix do Tocantins, região do Jalapão. É um adjetivo, cujo significado, segundo Houaiss (2009) é cor de sangue. Em sua etimologia, *Vermelho* vem do latim *vermiculum*, que significa 'pequeno verme', em referência à cochonilha, inseto do qual é extraído o corante carmim.

Esse topônimo encontra-se incluso na categoria taxonômica de natureza física e classificada como cromotopônimo, relativo à escala cromática. A aparência do

morro, especificamente a cor que é perceptível, foi a motivação para a escolha do nome. Percebe-se a relação feita pelo nomeador em torno de elementos físicos sensoriais que envolvem a percepção das cores como motivação para a escolha dos nomes. Nota-se o reconhecimento de traços semânticos desse nome, o qual compõe o léxico toponímico, e o vínculo com um elemento ecológico. Conforme destacado por Ananias e Zamariano (2014), é por meio das palavras que o homem conhece e transmite o conhecimento do mundo que o cerca, nomeia e identifica as entidades da sua realidade.

CAPÍTULO 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo o estudo toponímico sobre as motivações que influenciaram na escolha dos topônimos dos morros situados nas cidades turísticas do Tocantins, pertencentes à Região Turística Encantos do Jalapão e Região Turística Serras e Lagos. A pesquisa teve como objetivos específicos: investigar a origem e a motivação dos nomes dos morros; levantar dados acerca da história das cidades onde os morros se situam e relacioná-los com o topônimo dos morros e, por fim, interpretar os topônimos levando em consideração os aspectos culturais e a natureza ambiental da região e categorizar os dados em fichas lexicográficas-toponímicas. Para isso, foi realizada uma pesquisa acerca da relação entre Língua, Sociedade e Cultura, um estudo sobre o Léxico, a Onomástica e a Toponímia. Também foi feito um levantamento histórico acerca dos municípios onde os morros de localizam.

A partir da interpretação e análise dos dados, foi possível responder os questionamentos norteadores deste trabalho, que foram: que fatores motivaram as escolhas dos topônimos dos morros das cidades turísticas do Tocantins? após a análise dos dados, observou-se que fatores socioculturais, religiosos e as características da natureza influenciam nas nomeações desses morros, confirmando a hipótese formulada no início deste estudo. Percebeu-se, ainda uma forte influência dos elementos da natureza presentes na motivação toponímica. Quanto à relação entre língua e cultura, podemos extrair que os topônimos são resultado da interação social, em que o homem exterioriza a forma como percebe o mundo que o cerca, evidenciando traços da sua cultura.

Conforme o exposto, espera-se que este trabalho contribua para o acervo teórico-científico para futuros trabalhos nessa área, e que seja uma ferramenta para resgate da história e valorização da cultura local. Espera-se, ainda, que este trabalho seja motivador de novas pesquisas na área e que se venha somar aos demais trabalhos realizados no Tocantins, contribuindo, assim, com os estudos da Onomástica no estado.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. v. 1, cap. 1, p. 21-47.
- ALMEIDA, E. **Pontos turísticos do Jalapão**: morro vermelho. Disponível em <https://turistaprofissional.com/o-que-fazer-no-jalapao-principais-atracoes/>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- ANANIAS, A. C. C. S. e ZAMARIANO, M. **Construção da Identidade Toponímica**: os nomes dos municípios Paranaenses. Diadorim, Rio de Janeiro, v. 16, p. 185-208, dezembro de 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4031/15523>>. Acesso em: 07 set. 2023.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BERTUCCI, J. L. O. **Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos**: ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação *lato sensu*. 1 ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- BERVIAN, P.A; CERVO, A. L.; DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BIDERMAN, M. T. C. **A estruturação do léxico e a organização do conhecimento**. Porto Alegre, V.22, Nº 4, p. 81-86, dez 1987.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. Filologia e linguística portuguesa. n. 2, 1998.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2001. p. 13-23.
- BRASIL. Ministério do Turismo: **Mapa do Turismo Brasileiro**, 2019. Disponível em: http://www.regionalizacao.turismo.gov.br/images/LIVRO_Mapa.pdf. Acesso em: 17 nov. 2023.
- CARDOSO, S. H. S. **Estrada, paisagem e capim**: fotografias e relatos no Jalapão. Tese (doutorado) – Unicamp/Instituto de Artes, Campinas/SP, 2011.
- CARVALHINHOS, P. de J. **Estudos de onomástica em língua portuguesa no Brasil**: Perspectivas para inserção mundial. Anais. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.

CARVALHO, W.G; FONSECA, M.A.A; MELO, S.M.C. **Práticas de Ecoturismo na Reserva Particular do Patrimônio Natural Catedral do Jalapão-TO**. 8º JICE- Jornada de Iniciação Científica e Extensão. Instituto Federal do Tocantins, 2017.

CAVALCANTE, G. G. **Histórico Ponte Alta do Tocantins**. Município de Ponte Alta do Tocantins, 2023 Disponível em: <https://www.pontealtadotocantins.to.gov.br/cidadao/historia>. Acesso em: 13 nov. 2023.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DIAS, A. L. C. **Toponímia dos primeiros municípios tocaninenses**. 2016. Tese (Doutorado)- Curso de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2016.

DICK, M. V. P A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.

DICK, M. V. P A. **Toponímia e Antroponímia: Coletânea de estudos**. 3. ed. São Paulo: FFL / USP, 1992.

DICK, M. V. P. A. **Os nomes como marcadores Ideológicos**. Acta semiótica et linguística. São Paulo: Editora plêiade, v.7, n. 1 p. 97- 122, 1998.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2014.

DURANTI, Alessandro. **Antropologia Linguística**. Madrid: Cambridge University Press, 2000.

ESTADO DO TOCANTINS- SECTUR- Secretaria do Turismo. **Plataforma Integrada de Turismo**, 2023. Disponível em: <https://turismo.to.gov.br/pt>. Acesso em: 22 ago. 2023.

ESTADO DO TOCANTINS. SECTUR- Secretaria do Turismo. **Lajeado**, 2023. Disponível em: <https://turismo.to.gov.br/pt/destinos/lajeado>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ESTADO DO TOCANTINS. SECULT- Secretaria da Cultura. **Tocantins**: história. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secult/tocantins-historia/3ybh4wqwh43i>. Acesso em 14 de novembro de 2023.

ESTADO DO TOCANTINS. SEPLAN- Secretaria do Planejamento e Orçamento: **perfil socioeconômico dos municípios**. Palmas, 2017. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/227357/>>. Acesso em: 18 set. 2023.

ESTADO DO TOCANTINS. SECTUR- Secretaria do Turismo. **Ponte Alta**, 2023. Disponível em: <https://turismo.to.gov.br/pt/destinos/ponte-alta-do-tocantins>. Acesso em: 01 nov. 2023.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza, CE: UEC, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, E. L. S.; XIMENES, E. E. Léxico e Identidades Culturais: Análise da toponímia indígena de natureza antropocultura no sertão de Quixeramobim. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 42-61, março de 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/33548/21404>>. Acesso em: 07 set. 2023.

HOUAISS, A. et al. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE – Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

ISQUERDO, A. N. A motivação na toponímia: algumas reflexões. In: SELLA, A. F.; CORBARI, C. C.; BIDARRA, J. (Orgs.) **Pesquisas sobre o léxico**: Reflexões teóricas e aplicação. São Paulo: Pontes, 2012.p. 81- 95.

ISQUERDO, A. N.; DARGEL, A. P. T. P.. Toponímia urbana: um estudo de caso a partir de dados do ATEMS. In: ISQUERDO, A. N; ABBADE, C. M. S. (Org.). **As ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2020, v. IX, p. 82-85.

ISQUERDO, A. N. A Toponímia como signo de representação de uma realidade. Fronteiras – **Revista de História** (UFMS), Campo Grande-MS, 1997: v. 1, n. 2, p. 27-46, jul./dez.

LEMOS, H. L. **Vegetação Arbustivo**- Arbórea em áreas de Cerrado Típico e Cerrado Rupestre no estado do Tocantins. Tese (Mestrado em Ciências Florestais) – Faculdade de Tecnologia. Universidade de Brasília. Brasília, 2013.

NASCENTES. A. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**- I tomo. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

PAIM, M. M. A variação lexical no atlas linguístico do Brasil. In: ISQUERDO, A. N.; ABBADE, C. M. S. (Org.). **As ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande/MS: Editora UFMS, 2020, v. IX, p. 161-178.

PALACÍN, L., MORAES, M. A. S. **História de Goiás** (1722-1972). 7. ed. Goiânia: UCG, Ed. Vieira, 2008.

PARENTE, Temis Gomes. **Fundamentos históricos do estado do Tocantins**. 3.ed. Goiânia: UFG, 2007.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**: Ensaios. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

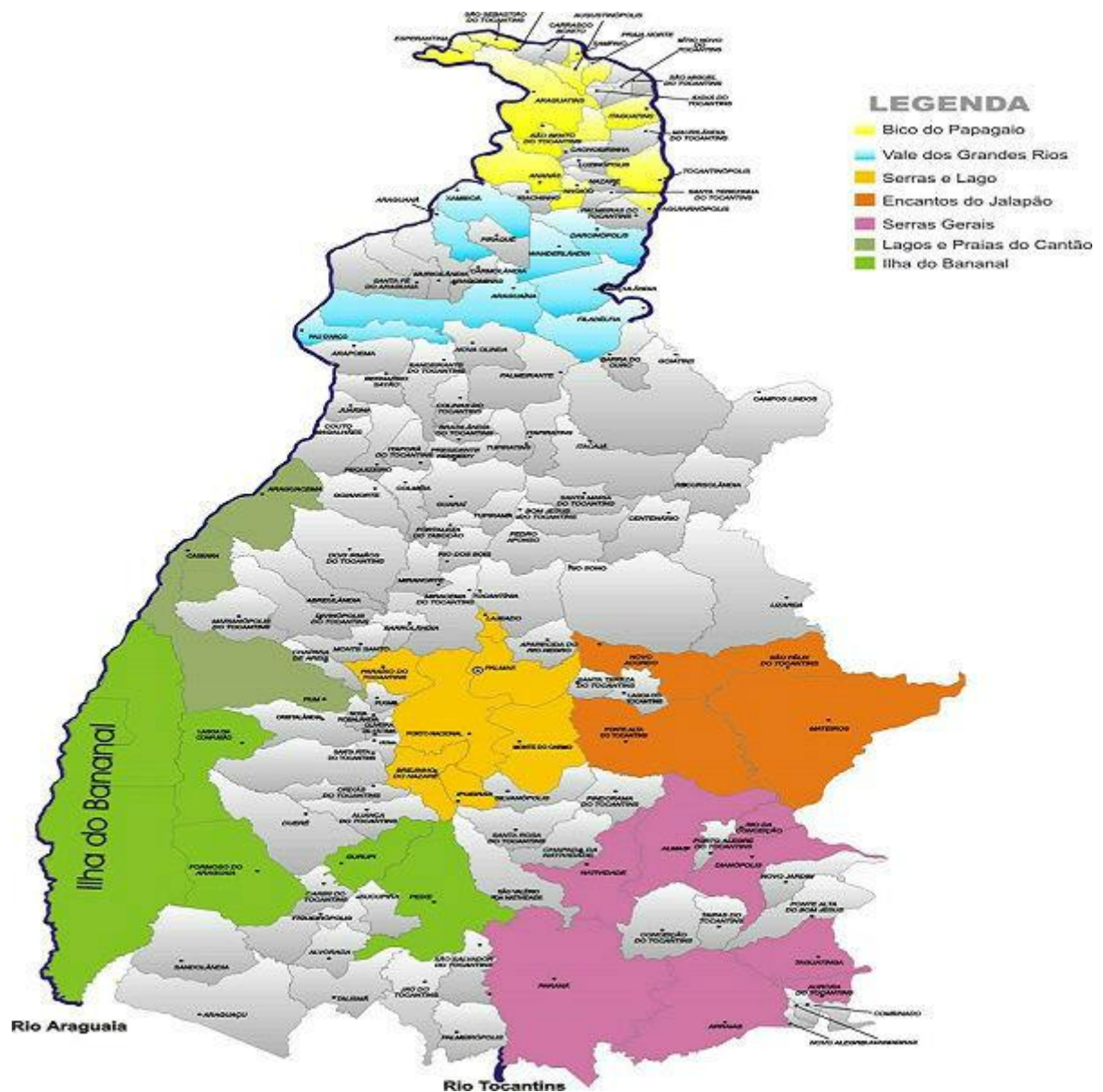
SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 27 Edição. Cultrix, São Paulo: 2006 [1916].

SEABRA, M. C. T. C. **A formação e a fixação da Língua Portuguesa em Minas Gerais**: a Toponímia da Região do Carmo. Tese (Doutorado, Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. 368f.

SOLÍS, G. F. Prefácio. In: AGUIAR, M. S.; CASTRO, M. C. D.; DIAS, A. L. C. (org.). **Onomástica e a identidade do homem**. Goiânia: Imprensa Universitária, 2018.

ZAMARIANO, M. Nome próprio: percurso histórico e construção do conceito. **Revista Contexto**, v. 1, p. 61-102, 2012.

ANEXO A- MAPA DAS REGIÕES TURÍSTICAS DO TOCANTINS



Fonte: <https://turismonotocantins.com.br/>